

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

**22^a REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
BRASÍLIA, 16 A 19 DE JULHO DE 2000**

**FÓRUM DE PESQUISA 14:
MISSÕES EM ÁREAS INDÍGENAS: FRONTEIRAS E TRADUÇÕES**

**Coordenadores:
Paula Montero (USP/CEBRAP)
Oscar Calavia (Universidade de Santa Catarina)
Marta Amoroso (CEBRAP)**

Pensadas como fenômenos do passado colonial, as missões cristãs ainda são uma das principais atividades "civilizatórias", sobretudo em regiões como a Amazônia, cujo destino ainda não está definitivamente traçado dos pontos de vista territorial, político e econômico. Valendo-se do proselitismo ou buscando a proteção e recuperação da "cultura nativa", as missões agem como delimitadores (ou inventores) de identidades dos grupos indígenas. Por se encontrarem necessariamente em situação de fronteira entre universos sociais distintos, as missões são casos paradigmáticos para se pensar temas caros à antropologia como contato e tradução cultural, além da relação entre religião e sociedade/cultura, que são estrategicamente isoladas uma das outras na efetivação do trabalho missionário.

A pesquisa sobre o tema, contudo, não é proporcional ao papel dessas organizações religiosas ao longo da história do contato com as sociedades indígenas no Brasil. Nossa proposta visa reunir pesquisadores que defrontaram-se, mesmo que indiretamente, com a ação missionária contemporânea empreendida por católicos e protestantes, em especial nas áreas indígenas da Amazônia brasileira. A partir das perspectivas da etnologia, antropologia da religião e história, pretendemos discutir os mecanismos simbólicos e materiais envolvidos no encontro de diferentes culturas, quando provocado por uma missão cristã. Para tanto, interessa-nos tanto o sentido da ação missionária quanto o impacto causado no conjunto de crenças e na organização social de grupos indígenas pouco ou recém cristianizados.

Numa abordagem histórica que focaliza as missões no período da Colônia e do Império pretendemos discutir os diferentes processos do movimento missionário nas áreas indígenas do Brasil e a heterogeneidade das suas formas de ação. Este Fórum de Pesquisa amplia ainda mais a discussão ao propor a comparação entre diversos campos etnográficos no Brasil, e sua contraposição com a experiência em países africanos.

1ª SESSÃO (17/07)

ÍNDIOS MISSIONÁRIOS: CULTOS PROTESTANTES ENTRE OS XIKRIN DO BACAJÁ.

Clarice Cohn (USP)

Os Xikrin do Bacajá têm realizado cultos protestantes aos fins de semana desde 1998. Esses cultos são praticados por jovens Xikrin, formados por missionários ligados ao SIL – Sociedade Brasileira de Linguística -, que têm uma longa experiência com os Kayapó. A aceitação e a frequência desses cultos têm sofrido flutuações ao longo desses anos, e só quando mais jovens são formados pelos missionários eles parecem ganhar força.

Refletimos sobre questões como: a utilização do material escrito - a utilização, no culto mas também no cotidiano, de material escrito (o Novo Testamento traduzido ao Kayapó) e gravado em fitas (os cânticos também em Kayapó) em uma sociedade de tradição oral, o que nos remete à questão da alfabetização e da adoção de uma prática literária e do esforço das missões em estabelecê-la; - o lugar e o papel assumido por esses jovens pastores, e sua motivação ao assumi-lo; - o modo e as razões pelas quais o grupo adere aos cultos e, talvez em menor grau, ao ethos “crente”, o que se liga, nesse caso, a noções sobre a morte, que devem ser abordadas estabelecendo-se um paralelo entre a vida após a morte do modo como os Xikrin a concebe e sua leitura do que é prometido pelo protestantismo. esse paper pretende ser uma contribuição para a compreensão da entrada de cultos e cosmovisões protestantes do ponto de vista da sociedade que os acolhe, e, portanto, das suas motivações para aderir, ou não, a eles.

“DA VINGANÇA AO PERDÃO”: A PRESENÇA DA RELIGIÃO CRISTÃ ENTRE OS PALIKUR.

Artionka Capiberibe (Unicamp/USP)

Os Palikur habitam os dois lados da fronteira Brasil/Guiana Francesa. No Brasil, vivem ao longo do rio Urukauá, na Terra Indígena do Uaçá, extremo norte do Estado do Amapá. Em 1965 iniciou-se, no Urukauá, o processo de conversão evangélica, no qual participaram missionários lingüistas do Summer Institute of Linguistics (SIL), pastores da NTM (New Tribes Mission), e, por fim, pastores brasileiros da Igreja Evangélica Assembléia de Deus de Macapá-AP, que ajudaram a fundar a sede da Igreja em uma das aldeias. A análise das narrativas míticas e dos relatos sobre o período e as causas da conversão, revela como a religião cristã se inseriu numa estrutura social marcada pelo conflito e assimetria nas relações entre afins e consangüíneos, e como apresentou uma solução, ainda que paliativa, para o apaziguamento destas relações. O propósito da exposição é mostrar como a religião

pentecostal encontrou espaço para instalar-se entre os Palikur e como configura-se atualmente, a partir do debate sobre os estudos de contato, confrontado à produção da “etnologia clássica” sobre as Sociedades Indígenas das Terras Baixas Sul-americanas.

MISSÕES JESUÍTICAS NA REGIÃO DO RIO OIAPOQUE.

Antonella Maria Imperatriz Tassinari (UFSC)

O trabalho pretende apresentar um panorama das missões jesuíticas implantadas no rio Oiapoque na década de 1730, a partir dos relatos registrados nas Lettres Édifiantes et Curieuses, entre outros. Tratam-se das missões de Saint-Paul junto à embocadura do rio Aotaye, de Notre-Dame de Sainte-Foi, junto ao rio Camopi e da Missão do Ouanari, no rio homônimo. Houve também a tentativa de implantar uma missão junto ao Rio Uaçá, registrada nas cartas do Pe.Fauque. A essas missões no interior deverão ser comparadas outras iniciativas vizinhas, relativas às missões jesuíticas implantadas no litoral da Guiana (Kourou e Sinnamary) e na costa amapaense, de padres seculares (Counani e Macari).

RELIGIÕES PENTECOSTAIS ENTRE OS XOKLENG DA TERRA INDÍGENA DE IBIRAMA.

Beatriz Catarina Maestri (UFSC)

Vários estudos já foram feitos no sentido de investigar questões econômicas, sociais e culturais que envolvem os Xokleng da Terra Indígena (TI) Ibirama Há, em tempos recentes, uma preocupação explícita dos antropólogos em relação às consequências de implantação da Barragem Norte. Entretanto poucos são os trabalhos que enfocam a introdução de Igrejas Pentecostais, em particular a Assembléia de Deus e a Assembléia de Deus no Brasil, nessa TI. Esta comunicação pretende refletir a participação dos Xokleng nos cultos das Igrejas Pentecostais, considerando a sua condição de “crentes”. Como hipótese preliminar desta reflexão, assumo a idéia de que a condição de “crente” está possibilitando aos índios melhores alternativas de relacionamento com a sociedade envolvente.

O EVANGELHO TRANSFORMADO: APROPRIAÇÕES XOKLENG (JÊ) DO CRISTIANISMO.

Flávio Braune Wiik (Universidade de Chicago/ISER-Rio)

Segundo pesquisas que venho realizando entre os Índios Xokleng (Jê) de Santa Catarina, tenho observado que eles se apropriaram de elementos presentes na mensagem do evangelho, trazidas até eles nos anos 50 pela Igreja Pentecostal Assembléia de Deus, e os transformaram em um instrumento fomentador de uma nova identidade étnica. Os Xokleng criaram uma versão própria de pentecostalismo que possibilitou a (re)criação de dinâmicas de integração e de práticas sociais geradoras de valores e formas de sociabilidade que

permitiram com que os Xokleng reproduzissem seu mundo sociocultural, político e cosmológico após contato. Em outras palavras, o pentecostalismo Xokleng opera hoje como um espelho convergente de práticas, valores e ética ideais. Para os Xokleng, ser "*crente*" lhes confere uma unidade organizacional e uma identidade coletiva que os ajuda a dar forma e caracterizar a sua sociedade, como por exemplo: organizar o tempo, o espaço físico, o modelo de produção econômico e a práxis política Xokleng contemporâneos.

Gostaria com o exemplo do cristianismo Xokleng, propor uma melhor compreensão antropológica, das bases, das motivações e dos significados inerentes que estão presentes no movimento de incorporação de um elemento exógeno, o cristianismo, que, paradoxalmente, instrumentaliza um processo social endógeno de fortalecimento de uma identidade étnica positiva e de lutas políticas de uma sociedade.

CATOLICISMO NO RIO TIQUIÉ.

Aloisio Cabalzar (Instituto Socioambiental)

Os missionários salesianos vêm atuando no rio Tiquié desde a segunda década deste século, tendo fundado grandes missões em sua foz (1923) e em seu alto curso (1940). Até uma década atrás, os salesianos e salesianas hegemonizavam não só como catequizadores e "educadores", mas também como fonte de mercadorias e intermediadores nas relações dos índios com outros "brancos". Várias gerações de moradores do Tiquié (índios tukano, desana, tuyuka, miriti-tapuya e outros) foram formadas nos internatos das missões. Objetiva-se contextualizar as relações com os missionários dentro do universo mais amplo das relações com os "brancos", histórica e conceitualmente, analisando transformações recentes tanto na atuação missionária, marcada por certo declínio, quanto na forma como vem sendo entendido pelos índios.

ENCENAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO OUTRO: ANÁLISE DE UM RITUAL WAIWAI ANTES E DEPOIS DOS MISSIONÁRIOS EVANGÉLICOS.

Ruben Caixeta de Queiroz (FAFICH-UFMG)

Até o final dos anos quarenta, os índios Waiwai estavam dispersos em pequenas aldeias e ocupavam uma extensa área na região de fronteira entre Brasil e Guiana Inglesa. Uma rede de trocas comerciais, matrimoniais e rituais solidificava as relações entre essas aldeias e aquelas de outras sociedades indígenas das guianas. Descrita pelo antropólogo dinamarquês Niels Fock, nesta época, a vida ritual waiwai se concentrava, sobretudo, nas festas durante as quais a aldeia anfitriã recebia as demais para consumir uma grande quantidade de comida, bebida fermentada, para cantar, dançar e realizar "jogos" onde os

Waiwai ridicularizavam os "visitantes" (estrangeiros, afins), situando-os no mesmo nível dos animais ou tribos canibais habitantes da floresta ou do cosmos waiwai.

Com a chegada na região de uma Missão protestante norte-americana, a MEVA, no início dos anos cinquenta, se iniciou um intenso processo de fusão daquelas aldeias e a "unificação" de diferentes grupos étnicos em um mesmo espaço geográfico. Com isso, alterou-se profundamente a estrutura daquelas atividades rituais, já que os membros das aldeias, antes dispersas, encontravam-se num mesmo lugar e não mais existia a figura do "visitante". Ou seja, este estrangeiro-afim se tornara um familiar-consanguíneo. No entanto, na pesquisa de campo realizada em 1994 na aldeia de Mapuera, noroeste do Pará, verifiquei que os Waiwai se esforçavam para reproduzir aquele modelo ritual "tradicional" durante as comemorações dos eventos cristãos marcados pelo Natal e pela Páscoa.

Desta forma, pretendemos comparar o ritual descrito por Niels Fock (1955) com aquele observado e descrito por nós (1994), com a finalidade de verificar as estratégias dos Waiwai implementadas para transformar a semelhança em diferença e demarcar uma particularidade desta cultura indígena: a consanguinização do afim (o "visitante", no caso do ritual) e, ao mesmo tempo, a afinização do consanguíneo. Nesta perspectiva, longe de pensar numa "evangelização" dos Waiwai, devemos talvez acreditar numa "waiwainização" dos outros, incluindo aí os outros grupos indígenas e os próprios missionários.

2ª SESSÃO (18/07)

MISSIONÁRIOS, AGENTES INDÍGENAS DE SAÚDE E A QUESTÃO DA CURA.

Melvina Afra Mendes de Araújo (USP)

Neste trabalho, interessa-me analisar como os missionários da Consolata atuam nas atividades de cura das doenças que atingem os índios. O campo da cura é um campo teórico abrangente, sendo possível, através dele, compreender como se dá o encontro entre duas lógicas que pensam o corpo, a morte e a vida de formas muito diferentes, assim também como se processam as relações de mediação entre esses dois modos de pensar o mundo. Este é um campo interessante também para entender como se desenvolvem as relações entre índios e missionários, posto que as atividades de cura sempre se constituíram num meio de acesso de missionários aos grupos indígenas.

CRENÇAS RELIGIOSAS E PRÁTICAS TERAPÊUTICAS. CATOLICISMO, PENTECOSTALISMO E OS CUIDADOS COM A SAÚDE.

Laercio Fidelis Dias (USP)

O artigo analisa como a adesão de crenças evangélicas por parte de algumas famílias Karipuna da área indígena Uaçá atua na escolha dos recursos terapêuticos do grupo. Entre os Karipuna, a relação entre as crenças católicas e xamânicas foi descrita como vias distintas e complementares de acesso ao sobrenatural, sem que houvesse fusões ou sincretismo entre os dois universos. Assim, para resolver os problemas de saúde, os Karipuna recorrem a tratamentos com remédios caseiros, pajés, sopradores, benzedores, às promessas a santos, aos hospitais e postos de saúde das cidades vizinhas. Aproveitando os textos de Max Weber que tratam da relação entre crenças religiosas protestantes e magia, pretendo pensar as mudanças possíveis de atitude das famílias “crentes” em relação à resolução dos seus problemas de saúde.

MISSÃO E CONTATO CULTURAL.

Ronaldo de Almeida (USP/Cebrap/FESPSP)

A expansão evangélica é um dos principais fenômenos religiosos ocorrido nas últimas décadas no Brasil, a ponto de se torna um forte pólo exportador deste tipo de religiosidade. Na mesma intensidade em que avança pelos centros urbanos deste país, tal esforço proselitista está direcionado também para outras regiões pouco ou não-cristianizadas, como a ação de agências especializadas na evangelização de sociedades indígenas. Tratam-se das missões que são, por excelência, a atividade religiosa dedicada à propagação da fé

cristã em diferentes contextos culturais. Tendo como referências o sentido da ação missionária e suas estratégias de evangelização, por um lado, e as recepções do credo evangélico entre as sociedades indígenas, por outro, a proposta desta comunicação é discutir como ocorre esta modalidade de contato cultural a partir do impacto causado tanto nestas sociedades quanto na própria religiosidade evangélica.

OS ENCONTROS DO CIMI E A AFIRMAÇÃO DE UMA ETNIA TAPUYA ATRAVÉS DO INDIGENISMO DE CONSCIENTIZAÇÃO.

Cristhian Teófilo da Silva (UnB)

Análise preliminar dos encontros promovidos pelo CIMI com "lideranças indígenas" de Goiás e Tocantins no sentido de descrever não somente o modelo alternativo de indigenismo promovido por este Conselho em associação com as dioceses e outras agências e agentes (missionários e antropólogos), mas também as representações sobre os índios aí engendradas. O conteúdo discursivo desses encontros ou "assembléias" do CIMI permite depreender um outro conjunto de práticas e representações referentes aos índios diferente (e em certa medida contrastivo) àquele próprio do indigenismo oficial. Diversos atores sociais (padres, freiras, missionários, antropólogos, lideranças, etc.) são posicionados numa dada situação histórica (no caso, refiro-me à situação vivida pelos Tapuios do Carretão em Goiás) visando uma articulação política uniforme entre diferentes povos indígenas e camponeses no país.

INCULTURAÇÃO E PASTORAL INDIGENISTA NO BRASIL.

Marcos Pereira Rufino (USP)

Nossa proposta aqui é a de refletir sobre alguns momentos do debate em torno da teologia da inculturação, especialmente, aquele ocorrido no contexto da IV Conferência do Episcopado Latino-americano em Santo Domingo. Nos interessa, sobretudo, pensar as implicações que esses momentos de reorientação pastoral apresentam para a ação missionária no Brasil e a forma particular que essa recepção assume.

MÍMESE E MISSÃO: OS VALORES DA REPLICAÇÃO NA EVANGELIZAÇÃO DOS ÍNDIOS.

Oscar Calavia Sáez (UFSC)

A imitação de rituais cristãos da parte dos Índios se destaca como uma das acepções mais correntes da conversão, mas também como uma arte diabólica capaz de impedi-la. Do lado do missionário, a imitação pode ser também um arma ou uma armadilha, possibilitando o avanço da mensagem ou a deturpação do seu conteúdo. É esse um dilema permanente que

se deve ao estatuto (universalmente?) ambíguo da mimese mas também à flexibilidade de conceitos como "cultura" e "religião". Esta comunicação explora o tema em três contextos diferentes: as missões franciscanas no México do século XVI, as missões jesuíticas no Paraguai e algumas missões evangélicas na Amazônia contemporânea.

VIVER EM COMUM: O SENSO DE COMUNIDADE E A PRÁTICA MISSIONÁRIA ENTRE GRUPOS INDÍGENAS DA AMAZÔNIA OCIDENTAL.

Elizabeth de Paula Pissolato (MN/UFRJ)

O trabalho a ser apresentado pretende tomar em análise aspectos da ação missionária católica contemporânea, especificamente do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) junto a povos indígenas de língua Arawak - Amazônia ocidental.

A prática missionária interessa-nos aqui principalmente enquanto defensora da "integridade cultural" de grupos indígenas, condição de possibilidade para a "vivência da fé", entendida como experiência universal (Shapiro, 1981). Seguindo a pista fornecida por Pollock a respeito dos limites da conversão Kulina (Pollock, 1993), nossa análise visa aprofundar a compreensão da noção e do senso de *comunidade* no interior da "teologia da libertação" e seus possíveis significados no contexto das ações missionárias, isto é, em relação com os princípios fundamentais que orientam a vida social destes grupos. Tal abordagem coloca em discussão temas como o coletivismo e a reciprocidade, possibilitando, mais amplamente, a análise de alguns aspectos da relação entre religião e sociedade/cultura.

3ª Sessão (19/07)

KESUITA, NHANDERU MIRIM E KUARAY.

Aldo Litaiff (Museu da UFSC)

Desde o final do século XIX os índios Guarani se deslocam das florestas meridionais da América do Sul em direção à costa brasileira. Segundo eles, estes índios estão à procura de Yvy mara ey, uma “Terra sem Males” localizada além do mar. O propósito desta pesquisa é, partindo de uma nova abordagem sustentada principalmente pelas teorias da ação do “Neo-pragmatismo”; de dados etnográficos colhidos por mim durante 13 anos de pesquisa em todas as aldeias guarani-mbya do Brasil; e de informações históricas; criticar o caráter reducionista das análises anteriores (como Nimuendaju, Métraux, Schaden, etc.); e demonstrar como os mitos podem justificar e mesmo orientar práticas, através do estudo dos próprios mitos e da mobilidade guarani. Numa análise de contexto, o discurso sobre a “tradicionalidade”, o conceito de “Yvy mara ey” e outras crenças coletivas, constituem um corpus de noções emergentes de uma teoria autoctone do contato e da etnicidade. Demonstro que o personagem “Kesuita” ou “Nhanderu Mirim”, presente no imaginário guarani, é uma síntese de “Kuaray”, o astro solar e dos Jesuítas das Missões. Assim, para os Guarani, o conceito “Kesuita” é uma forma de re-apropriação de sua história, alienada pelo violento processo ocidental de colonização.

RELIGIÃO COMO TRADUÇÃO: JESUÍTAS, TUPI E TAPUIA NO BRASIL COLONIAL.

Cristina Pompa

Desde os primeiros contatos, os jesuítas perceberam e interpretaram a alteridade indígena a partir de um horizonte simbólico onde a teologia (e a teleologia) eram as categorias privilegiadas de leitura do mundo. Assim, paralelamente a seu projeto catequético, eles foram construindo a "religião dos selvagens": da constatação de sua ausência à conotação diabólica de suas práticas. O processo, porém, não foi unívoco: os indígenas também realizaram a leitura e a "construção" da realidade religiosa impostas pelos padres, a partir de seus sistemas cosmológicos e de suas práticas rituais. A linguagem religiosa tornou-se, assim, o terreno de mediação onde cada ator do encontro colonial pôde tentar a leitura e a interpretação da alteridade antropológica. A comparação, através das cartas, entre a evangelização dos tupi (século XVI) e as missões dos "tapuia" (século XVII) pode contribuir para a reconstituição deste processo.

AS MISSÕES JESUÍTICAS NA TRANSIÇÃO PARA AS VILAS POMBALINAS NA CAPITANIA DO CEARÁ GRANDE.

Isabelle Braz Peixoto da Silva (UFCE)

Os aldeamentos missionários constituíram-se num dos pilares da dominação colonial no Brasil. A Companhia de Jesus destacou-se nesse projeto, responsável primeira pela educação e catequese dos índios e dos colonos. A obra missionária dos jesuítas sofreu grande impacto a partir do *Diretório Pombalino* (1757) que lhes suprimiu a administração temporal exercida sobre os aldeamentos indígenas. O objetivo desse trabalho é focar a transição dos aldeamentos jesuíticos para vilas pombalinas, através de pesquisa documental que nos revela, entre outros, o trâmite burocrático-administrativo de implantação das vilas, as providências do bispo de Pernambuco para a instalação das novas vigarias, a crítica que o governador faz à extinta administração dos jesuítas e suas considerações sobre a implementação do *Diretório*.

IDENTIDADES MISSIONEIRAS: A LENDA DA CASA MBORORÉ

Ceres Karam Brum (Universidade Estadual do Oeste do Paraná)

O presente trabalho, na perspectiva da História Cultural, objetivou refletir sobre a experiência missionária platina ocorrida durante os séculos XVII e XVIII nos Sete Povos das Missões, caracterizando as identidades missioneiras decorrentes da transformação a que os guaranis foram submetidos pelos jesuítas.

Para efetuar a caracterização e compreensão das referidas identidades, que consideramos como fundamentais na conformação e manutenção desta experiência, utilizamos como fonte a lenda da Casa de Mbororé na versão de Simões Lopes Neto, contrapondo-a aos escritos jesuíticos do período – especialmente os do Padre Antônio Sepp – com o intuito de analisar “a mescla” de elementos jesuíticos e guaranis presentes nas Missões que relacionamos às próprias identidades missioneiras e a representação que se tem das Missões.

TRADUZIR E CONVENCER: OS "LÍNGUAS" COMO AGENTES DO CONTATO BOTOCUDO X "CIVILIZADOS".

Izabel Missagia de Mattos (Unicamp)

A utilização dos intérpretes "línguas" na catequese indígena - tanto leiga quanto missionária - foi uma constante durante todo o período de ocupação dos sertões do leste em Minas Gerais. Este estudo visa compreender a eficácia da ação dos intérpretes na catequese, acompanhando durante o século XIX os diversos significados de sua atuação frente às populações indígenas, destacando o seu papel de mediadores políticos e lideranças potenciais.

CATEQUIZAÇÃO E CONQUISTA: A MISSÃO CAPUCHINHA ENTRE OS TENETEHARA.

Elizabeth Maria Beserra Coelho

Análise da presença dos capuchinhos entre o povo Tenetehara, no Maranhão, que ocorreu através da instalação de duas missões: a colônia Dois Braços e a missão do Alto Alegre, ambas nos limites do que hoje corresponde à TERRA indígena Cana Brava/Guajajara. As relações entre os frades e os Tenetehara foram marcadas por violentos conflitos que têm marcado profundamente as relações interétnicas na região. A ação dos capuchinhos, apoiada pelo Estado brasileiro, constituiu-se, de fato, numa estratégia de civilização e conquista. Além da violência da imposição econômico-cultural desencadeada pela missão, estabeleceu-se, também, uma disputa pela terra, entre frades e índios, que se encontra aguardando decisão judicial. A presente análise foi realizada a partir do levantamento de fontes documentais e de entrevistas que foram realizadas com representantes da ordem capuchinha no Maranhão e índios Tenetehara.

O SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO ÍNDIO (SPI) E AS MISSÕES RELIGIOSAS.

Carlos Augusto da Rocha Freire (MN/UFRJ)

Nas primeiras décadas de existência, o Serviço de Proteção aos Índios(SPI) combateu interesses econômicos e pedagógicos das missões católicas atuantes junto às populações indígenas. O conflito entre ideários positivista e religioso manifestou-se em várias crises, de que são exemplos: acusações de "sectarismo" positivista ou de "mistificação" salesiana; projetos clericais vistos como "ameaças imperialistas" (anos 30); o anteprojeto de acordo com a Santa Sé (1941), e a questão indígena na Constituinte de 1946. Um caso particular foram os conflitos estabelecidos no Pará, nos anos 40, entre uma nova geração de indigenistas e as missões religiosas que aí atuavam. Nesta comunicação recuperamos esses conflitos e suas implicações na política indigenista brasileira de meados do séc. XX.

Antropólogo, doutorando em Antropologia Social pelo PPGAS/Museu Nacional/UFRJ e esta comunicação recupera algumas informações de minha dissertação, que estão sendo ampliadas na pesquisa de Doutorado, centrada na história dos *sertanistas* do SPI.